

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

MALAMOR/TAINTED LOVE – REALIZADORES CONVIDADOS: JOÃO PEDRO RODRIGUES E JOÃO RUI GUERRA DA MATA

com a BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas

17 e 23 de setembro de 2025

## TEMPO / 2023

Um filme de JOÃO PEDRO RODRIGUES

*Realização:* João Pedro Rodrigues / *Fotografia:* Rui Poças / *Som:* Nuno Carvalho / *Música:* Gabriel Yared / *Montagem:* Mariana Gaivão / *Produção:* Filmes Fantasma, João Pedro Rodrigues (Portugal, 2023) / *Cópia:* DCP, cor, sem diálogos / *Estreia:* setembro de 2023, Festival de Cinema de Ghent (disponibilizado no canal de Youtube do festival) / Primeira apresentação na Cinemateca.

## JUBILEE / 1977

Um filme de DEREK JARMAN

*Realização e argumento:* Derek Jarman / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Peter Middleton / *Cenários:* Mordecai Schreiber / *Figurinos:* Dave Henderson, Christopher Hobbs / *Música:* Brian Eno; as canções “Right to work”, por Chelsea; “Paranoia Paradise”, por Wayne County and the Electric Chairs; “Love in a Void”, por Siouxsie and the Banshees; “Jerusalem” (Hubert Parry com texto de William Blake) e “Rule Britannia” (Thomas Arne e James Thomson), arrançadas por Danny Beekers e Will Malone e interpretadas por Suzi Pims; “Wargasm in Pornotopia”, arranjado por Amilcar, Guy Ford / *Montagem:* Nick Barnard / *Som:* John Hayes (gravação), Miki Billing (misturas) / *Interpretação:* Jenny Runacre (*Isabel I / Bod*), David Brandon (*Ariel, o anjo*), Richard O’Brien (*John Dee, o astrólogo da rainha*), Hermine Demoriane (*Chaos*), Little Nell (*Crabs*), Toyah Willcox (*Mad*), Jordan (*Amyl Nitrite*), Karl Johnson (*Sphinx*), Linda Spurrier (Max), Jack Birkett/Orlando (*Borgia Ginz*), Wayne County (*Lounge Lizzard*), Richard O’Brien (*John Dee*), Neil Kennedy (*Max, o jardineiro das plantas de plástico*), Helen Wellington-Lloyd (*a dama de companhia*), Donald Dunham, Barney James (*polícias*).

*Produção:* Whaley-Malin Productions, Megalovision / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 104 minutos / *Estreia mundial:* Grã-Bretanha, Fevereiro de 1978; apresentado no Festival de Cannes (Semana da Crítica), em maio de 1978 / *Inédito comercialmente em Portugal* / Primeira apresentação na Cinemateca: 17 de setembro de 2016 (“Derek Jarman – Queer Lisboa”).

## TEMPO

Sessenta anos depois de **Os Verdes Anos**, João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata fizeram **Onde Fica Esta Rua? ou Sem Antes Nem Depois**, um *remake*, plano por plano (ao estilo daquilo que Gus Van Sant havia feito no seu **Pshyco** [1998]), do filme de Paulo Rocha, só que rodado em 2021 durante a pandemia e sem recurso a atores (apenas lhes interessava filmar os mesmos espaços e os mesmos objetos). Assim, fica claro que a estrutura é um elemento definido *a priori*, e que essa estrutura é a de um outro filme, pré-existente, que os realizadores pretendem homenagear/dissecar – Rodrigues e Guerra da Mata usaram a expressão «partitura» e, a esse respeito, introduzem ao longo do filme planos do argumento do filme (na versão de trabalho do assistente Fernando Matos Silva) de modo a explicitar essa ideia de «interpretação musical». Na sequência disso, João Pedro Rodrigues foi convidado a participar num projeto coletivo do Festival de Cinema de Ghent, a propósito do quinquagésimo aniversário do festival. 25 cineastas para desenvolverem filmes a partir de 25 peças musicais originais (participaram realizadores como Paul Schrader, Jia Zang-ke, Terence Davies, Radu Jude). A resposta de Rodrigues prossegue a “investigação” musical (argumento-partitura, filme-interpretação, imagem-variação), agora de forma menos maquinal. O realizador trabalhou a partir de uma composição do libanês Gabriel Yared, reutilizando (e ressignificando) imagens de **Onde Fica Esta Rua?** Aí, solto do espartilho formalista de **Os Verdes Anos**, o realizador (de novo com a mão de Mariana Gaivão) prolonga a duração dos planos (a partir dos brutos), recorre a diferentes *takes* (apresentados sucessivamente – variação e fuga) e desorganiza completamente as imagens, perdendo estas o vínculo conceptual que tinham ao filme de Paulo Rocha. De súbito, as imagens valem por si e já não por relação (elas já valiam, mas agora libertam-se da sua origem referencial). A música de Yared serve esse propósito emancipador e vem acentuar a dimensão de fábula que estava já latente em **Os Verdes Anos**, de forma trágica, e que **Onde Fica Esta Rua?** acabava por sugerir enquanto interrogação melancólica.

Ricardo Vieira Lisboa

## JUBILEE

*“Amyl Nitrate conta que quando era criança, nos otimizistas anos 60, ela e os seus amigos eram estimulados a «transformarem os seus sonhos em realidade», mas que quando isto se revelou impossível as pessoas se voltaram para os seus «desejos». A geração do «eu». Filmes, livros e quadros tornaram-se inúteis e a arte tornou-se obsoleta quando as pessoas foram estimuladas a simplesmente expressarem identidades murchas, sem nenhum dos artefatos culturais que poderiam dar uma alternativa ao presente”.*

- William Pencak, em *The Films of Derek Jarman* (2002)

Segunda longa-metragem de Derek Jarman (a primeira foi o insolitamente *kitsch* **Sebastiane**), **Jubilee** marcou o verdadeiro começo da sua carreira profissional no cinema (um artigo entusiástico no *Monthly Film Bulletin* refere-se a “um primeiro filme muito impressionante”, quando se trata do segundo), embora Jarman sempre tenha se considerado

um amador em matéria de cinema (e tinha razão, só que *amador* neste caso não é defeito, é feito) e tenha sublinhado que trabalhava com um *“enfoque de filme doméstico”*. Muitos fatores contribuíram para o impacto do filme (Jarman chegou a pensar numa *sequela*) e embora estes fatores fossem da mais estrita atualidade (**Jubilee** é considerado o filme sobre o fenómeno punk, que teve vida muito curta) continuam a reforçar o interesse do filme, quarenta anos depois deste ter sido realizado, num mundo tão diferente do de hoje que não o viveu não pode simplesmente imaginar como era. Outro elemento que contribuiu para que o filme continuasse a marcar os espíritos foi a original ideia de base do argumento: Isabel I (incarnada pela mesma atriz que fará o papel de Bod na Londres contemporânea) quer ter *“conhecimento”* e o seu astrólogo (incarnado por Richard O’Brien, o imortal mordomo corcunda de **The Rocky Horror Picture Show** e nada menos do que autor da peça que deu origem ao filme e da adaptação do mesmo; a mulher que seduz o polícia na lavandaria também faz parte do elenco deste filme: é Little Nell a *groupie* da *rock star*; e cita-se uma frase do filme: *“Don’t dream it, be it”*) invoca o anjo Ariel, que consente em mostrar-lhe *“a sombra do seu tempo”* e a traz à Grã-Bretanha do presente, no mesmo ano em que outra rainha Isabel/Elizabeth festejava os vinte e cinco anos do seu reinado. Ao passado ideal e idealizado, responde um presente nihilista, *“onde reinam os punks, uma situação que não pode agradar a ninguém, a não ser aos próprios punks: o deleite deles é o caos”*, como resumiu à época Gordon Gow no *Monthly Film Bulletin* (um dos sentidos originais da palavra *punk* é *pessoa inútil*). O *slogan* mais célebre do *“movimento”* foi *no future*, porque não era sequer necessário cancelar o passado, que os *punks* simplesmente ignoravam, no sentido figurado e no literal. Como diz o empresário que responde pelo nome de Borgia Ginz e que mostra e diz como é fácil recuperar estes rebeldes, *“enquanto a música estiver suficientemente alta, não ouviremos o mundo desmoronar”* (além deste empresário, outros personagens têm nomes significativos e sugestivos: Crabs – neste caso *chatos* e não *caranguejos* – Chaos, Mad e Amyl Nitrate, que é o nome científico dos *poppers*). O nihilismo, a violência e a sujidade bárbaras, os penteados extravagantes, os alfinetes de ama espetados na cara (*“o punk é uma moda perfeita para as mulheres feias”*, observou John Waters numa entrevista), a preferência pelas ratazanas sobre os caniches como animais de estimação, a ausência e a recusa da *“cultura”*, são algumas das características mais visíveis da subcultura *punk* (fenómeno sobretudo inglês e proletário), que suscitou alguns filmes. O obscuro **Punk in London** (Wolf Büld, 1977), o anónimo **The Punk Road Movie** (ambos documentários), **Rude Boy** (Jack Hazan e David Mingway, 1980) e **The Great Rock’n’ Roll Swindle** (Julien Temple, 1980) são considerados marcos importantes do cinema *punk* ou ligado ao movimento *punk*, mas na opinião de Claire Monk (num artigo de 2008 na obra coletiva *Seventies British Cinema*), **Jubilee**, além de ser verdadeiramente a primeira longa-metragem *punk* britânica, *“de modo importante, continuaria a ser a única resposta cinematográfica britânica plenamente imaginada ao momento punk (...) Jubilee também continua a ser o filme que capta com maior imaginação a sensibilidade e as práticas criativas do punk (no breve período que antecedeu a sua neutralização como produto de consumo de massa) e a tentar traduzi-las no cinema”*. É exatamente por isso que Jarman concebeu uma elaborada situação dramática (uma viagem no tempo da mais célebre criatura a ter reinado na Grã-Bretanha) e não um simples amontoado de cenas musicais. Para voltarmos a citar Claire Monk, *“Jubilee é modelado por uma (warholiana) sensibilidade underground, pela natureza do círculo social de Jarman (artistas, designers e pintores mundanos [gliteratti], muitos dos quais homossexuais, de uma geração mais velha, anterior ao punk) e pela falta de dinheiro. Por isso, não apenas não há no filme os grandes nomes do punk britânico, como este foi deliberadamente estruturado para frustrar os espectadores que estivessem à espera de uma enfiada de números musicais ininterruptos”*.

De fato, o aspecto mais inteligente do trabalho de Jarman neste filme e que o passar do tempo confirmou, aquilo que faz o seu sentido, é a sua capacidade de conseguir captar o espírito de uma época e não apenas as suas manifestações superficiais. No filme, a Grã-Bretanha de Isabel II (e em breve de Margaret Thatcher, que chegaria ao poder um ano depois da estreia do filme) só existe em contraponto com as figuras do século XVI que a percorrem (e a figura mais intemporal, o anjo, veste-se quase como um *punk*). Embora para um homem do século XX Isabel I só pudesse ser uma figura sonhada e embora, no filme, ela e o seu pequeno séquito pareçam mover-se como num sonho, este sonho é uma parte da muito prosaica realidade britânica de 1977. E as indumentárias do século XVI serão muito mais insólitas do que as dos *punks*? Ou do que *Rule Britannia* e *Jerusalem* (com texto de Blake: *“Nor shall my Sword sleep in my hand / Till we have built Jerusalem / In England’s green and pleasant land”*) em ritmo de rock *punk*? Tudo o que vemos da Grã-Bretanha contemporânea é brutal, violento, repressivo, quer venha da polícia ou daqueles que ela persegue, numa palavra: tudo é autodestrutivo. E o desenlace não poderia ser mais cruel e irónico: as cantoras se reúnem no palacete campestre do empresário Borgia Ginz, *“o único lugar seguro na Grã-Bretanha”*, onde discutem o seu futuro como cantoras com um velhinho que não é outro senão Adolf Hitler, que, caso tenha morrido mesmo em Berlim em 1945, ressuscitou em Londres trinta anos depois. Jarman deu assim provas de grande lucidez, pois em pouquíssimo tempo o *“movimento”punk* se reduziria ao comércio musical, pois foi *“recuperado”* com rapidez fulminante. Deste modo, independentemente dos seus méritos puramente cinematográficos, **Jubilee** capta o espírito de um momento num país específico como poucos filmes o fizeram.

Antonio Rodrigues